



SEM FRONTEIRAS

# O trabalho do psicólogo em regiões de conflito

Por Nina Rahe



“Hoje foi meu primeiro dia em Ruanda. Tivemos nossa primeira conversa sobre o plano de trabalho. Entrei na sala, encontrei Renata\* e começamos a conversar. Disse que era importante ter um grupo etnicamente balanceado na reunião. Ela se levantou, fechou a porta, sentou-se novamente e passou a falar bem baixinho: ‘– Márcio, aqui não falamos sobre as diferenças étnicas desde o genocídio. É proibido por lei e as pessoas não revelam de qual etnia são.’ Ela contou que, à primeira vista, qualquer um pensa que o trauma foi superado, mas que, se prestar atenção, perceberá que o passado é muito presente.



O governo simplesmente decreta que todos são um só povo, mas o coração não entende assim, pois carrega o trauma, a dor. Cita uma colega que teve TODOS da família mortos e hoje é obrigada a conviver com o assassino no bairro onde mora. Existe um sistema judicial tradicional, a Gacaca, que prevê para aqueles que confessam os crimes cometidos – e não são organizadores dos crimes – a pena mínima (como ocorreu nesse caso). Cerca de 60 mil pessoas estão nas cadeias (95% por conta do genocídio). Existem poucos crimes comuns em Ruanda, já que é um lugar extremamente pacífico.”

Márcio Gagliato, psicólogo e mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), escreveu o relato acima quando iniciou suas atividades em Ruanda, em 2008. Desenvolvendo um trabalho na CARE Internacional, uma das mais antigas agências humanitárias de atuação global, ele atuou na região central e leste da África como coordenador de suporte psicossocial. Márcio já desen-

volveu projetos na periferia de São Paulo e em países como Estados Unidos, Tailândia e Timor-Leste. Recentemente esteve em regiões de conflito como Somália, Sudão, Congo, norte do Quênia, Ruanda e Etiópia, com foco em atenção psicossocial em experiências traumáticas. Na época do depoimento acima, o profissional estava em Ruanda atendendo um antigo pedido de apoio para atenuar as consequências e o trauma do genocídio de 1994.

“Eu vi o horror! O genocídio realmente aconteceu. Vi o que a humanidade toda tem que ver e se envergonhar. Em menos de 24 horas, pessoas choraram comigo ao falarem sobre o genocídio. O genocídio está VIVO. Visitei hoje apenas um dos locais do genocídio: é uma igreja católica para onde as pessoas correram para se proteger como última esperança – a casa de Deus –, crendo que o sobrenatural pudesse se revelar e protegê-las da morte, mas não foi isso que aconteceu. Todos foram cruelmente assassinados e mais de 4 mil corpos foram aglomerados dentro da igreja. Ainda se veem os buracos de bala, a toalha do altar toda manchada



“Assim como o Brasil, Timor foi uma experiência extraordinária e que me tocou muito. Foi ali que o humanitarismo internacional se tornou uma questão urgente e aberta para ser trabalhada”

de sangue, centenas de milhares de crânios e ossos. Havia um túmulo com certo destaque. Perguntei o que era aquilo e disseram que era uma jovem que foi dezenas de vezes e por dezenas de homens violentada e que ao final foi morta de um jeito que não ousou contar”, relata Márcio por *e-mail* aos amigos e colegas psicólogos que o ajudavam a pensar a intervenção.

O primeiro contato com a CARE foi em 2007 através de um programa de direitos humanos promovido pela Universidade de Colúmbia, em Nova York, no qual foi selecionado como primeiro representante da América Latina. O interesse em trabalhar com uma organização não governamental (ONG) de grande porte e atuação global tem na brasilidade suas raízes, pois foi no Brasil que Márcio iniciou sua atuação em projetos sociais, onde inclusive viveu situações de risco como ameaça de morte a ele e à equipe. Foi ainda nos tempos de estudante que ele fez o primeiro contato com o mundo humanitário internacional no Timor-Leste, no contexto de pós-guerra. “Assim como o Brasil, Timor foi uma experiência extraordinária e que me tocou muito. Foi ali que o humanitarismo internacional se tornou uma questão urgente e aberta para ser trabalhada”, conta. E foi nesse percurso que chegou à sede da CARE em Atlanta, nos Estados Unidos e depois acabou indo para o campo de trabalho propriamente dito, o escritório regional do centro-leste africano da CARE, no Quênia. Lá, era responsável pelo suporte psicossocial para nove países, entre eles, Somália, Sudão e República Democrática do Congo. O serviço prestado tinha enfoque no suporte psicológico aos trabalhadores humanitários nacionais e internacionais. Afinal, é preciso cuidar também de quem cuida.

“Era responsável por dar suporte para nove países, mas na prática 90% do meu tempo se destinou ao atendimento de várias emergências como sequestros, assassinatos, acidentes etc. Metade do tempo viajava atendendo os países mais complicados da região, como Somália, Sudão, Ruanda, Etiópia e o próprio Quênia, isso quando o nível de segurança permitia. Na Somália, por exemplo, pelo menos cinco viagens minhas foram

canceladas na noite anterior ao embarque por conta dos riscos”, relata.

Segundo ele, a Somália é hoje o país mais perigoso do mundo para o trabalhador humanitário, ultrapassando o Iraque e Afeganistão. “Diferente de outros países em crise, na Somália, o trabalhador humanitário é considerado um alvo político. Sua morte ou sequestro agrega valor aos objetivos de captação de recurso ou simplesmente de terrorismo. Somente em 2008, mais de 50 agentes humanitários foram assassinados na Somália, e o dobro disso ainda permanece sequestrado. Muitas regiões estão inacessíveis pelas ameaças da milícia Al-Shabab”, explica.

As dificuldades em fornecer apoio psicológico aos trabalhadores humanitários eram muitas. Uma semana após a última viagem para o norte da Somália (região considerada relativamente segura se comparada com o restante do país), três carros-bombas explodiram simultaneamente na cidade em lugares estratégicos, matando mais de cem pessoas, entre funcionários nacionais e internacionais da Organização das Nações Unidas (ONU). “Dá para imaginar a tensão a que os trabalhadores humanitários estão expostos. São muitas coisa juntas: temos deslocamento cultural, exposição a dilemas morais, culturais, doenças, e a maior dificuldade de todas que é a de testemunhar atrocidades naturais ou provocadas, além de sofrer ameaças diretas e constantes. Quando estive no Sudão, por exemplo, em uma única viagem peguei malária e febre tifoide de uma só vez e, para completar, fui roubado no último dia, perdendo *laptop*, dinheiro, telefone e tudo mais. Minha sorte foi que meu passaporte não estava comigo.” O psicólogo explica que não é somente ao trauma direto que o agente humanitário está sujeito. Ele, por ser testemunha do horror, se torna vítima de segunda onda do choque traumático: o trauma secundário. “Por testemunhar a dor de outros, o trabalhador humanitário pode sofrer o estresse pós-traumático, na mesma intensidade da vítima direta, mesmo que ele mesmo não tenha sofrido absolutamente nada diretamente”, explica.

Seu trabalho nas agências humanitárias





Fotos tiradas nas passagens por Ruanda, Somália e Sudão

abrange duas dimensões: a intervenção clínica e a clínica social. A primeira acontece sob o contexto do atendimento do sofrimento psíquico, mas sob um *setting* nada convencional, atendendo quando, onde e como possível. “Já fiz atendimentos por telefone usando tradutores locais para atender um somali em surto numa remota região do centro-sul da Somália. Já atendi por *e-mail* e *chat* pessoas no Congo, sul do Sudão, Ruanda e até Etiópia.” Quando o deslocamento era possível, Márcio atendia individualmente e em grupos, procurando identificar as necessidades para propor intervenções adequadas, que podiam variar de cursos temáticos sobre resiliência ou estresse a conversas orientadas sobre os medos que afligem as pessoas, tentando abordar até aqueles não ditos sufocantes. Na sua experiência, boa parte da atuação era criar espaços de expressão, acolhimento e simbolização de sofrimento e perdas.

No segundo caso, a intervenção clínico-social, ou clínico-política, trata-se de trazer a temática da subjetividade para a mesa de discussões dos projetos (ou desejos) de intervenções humanitárias, isto é, fazer a tematização da subjetividade, do laço social e do jogo simbólico, no e do trabalho humanitário. Para Márcio, é o aspecto de maior desafio e de maior importância. Para

ele, como qualquer instituição, as agências humanitárias não são neutras de valores, muitas vezes incompatíveis com sua finalidade. “Muitas vezes, as práticas estão encharcadas de valores do mundo corporativo que foram incorporados e que não se encaixam nas propostas do trabalho humanitário, configurando uma crise.”

Segundo ele, essa atitude de consideração da subjetividade se torna um modo de constatar e denunciar mecanismos de controle e, assim, construir práticas de resistência às manipulações para que não se exclua ou silencie a dimensão subjetiva. Essa prática proposta se tornou uma modalidade de resistência que permite resgatar condições fundamentais do trabalho humanitário.

Os problemas de atuação do psicólogo costumavam variar de um lugar para outro. No Sudão, o problema era com as doenças; em Ruanda, trabalhar com o trauma do genocídio poderia resultar até mesmo em cadeia; e no caso da Somália, era a insegurança.

“Nunca a Somália passou por uma situação de absoluto caos e miséria como agora. Visitei um dos imensos campos de refugiados no norte da Somália, a maioria deles vinha da capital Mogadishu e do centro-sul da Somália.



Márcio Gagliato, psicólogo e mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Divulgação



“ Os problemas de atuação do psicólogo costumavam variar de um lugar para outro. No Sudão, o problema era com as doenças; em Ruanda, trabalhar com o trauma do genocídio poderia resultar até mesmo em cadeia; e no caso da Somália, era a insegurança. ”



O pessoal do escritório central, responsável pela Somália e pelo sul do Sudão, está angustiado. Toda distribuição de comida foi interrompida desde umas duas semanas atrás quando a milícia Al-Shabab fez ameaças abertas às agências humanitárias. Isso significa que, agora, neste exato momento, centenas de milhares de pessoas não têm o que comer. Fui para a única região da Somália onde ainda é possível visita estrangeira, Hargeisa. O resto do país está mergulhado no caos e na violência indiscriminada. Fiz dois breves treinamentos sobre estresse e trauma. Minutos depois da apresentação, muitos locais vieram me procurar e então ouvi: ‘– Toda vez que fecho meus olhos e escuto qualquer barulho, penso que é tiro.’ Ou ainda outra: ‘– Estou aqui por um golpe de sorte, uma bala vinha em minha direção e alguém que por acaso passou na minha frente naquele exato momento levou o tiro e morreu no meu lugar... Agora vivo com medo em qualquer ambiente público. O que eu faço?’”, contou Márcio a amigos por *e-mail* na época da atuação.

Outro desafio, segundo ele, foi o fato de termos interiorizado e naturalizado preconceitos em relação aos povos africanos. “Quando falamos na África, logo associamos com pobreza e ainda pensamos como se fosse uma coisa só, e mal percebemos que esta-

mos falando de um continente com 53 países, e cada país completamente diferente do outro, com incomensuráveis riquezas sociais, culturais e com muito a ensinar ao mundo.” Uma surpresa foi a diversidade cultural, que se tornou um grande desafio para Márcio, pois em uma semana estava na Etiópia e na semana seguinte já estava em Ruanda envolvido com o trauma do genocídio de 1994. “Não são tão distantes geograficamente falando, mas são dois mundos completamente diferentes, seja historicamente, seja culturalmente. Esse deslocamento foi, internamente, um exercício fatigante”, conclui.

A experiência nesses países, de certa forma, fez com que Márcio passasse a valorizar as políticas públicas brasileiras. “Falta muito, é claro, mas temos muito de que nos orgulhar. O Brasil é um bom país, e referência em muitos setores nas políticas públicas, mas infelizmente só nos damos conta disso quando saímos daqui e vemos outros países em situações caóticas.”

Após o retorno recente ao País, Márcio tem feito palestras em universidades e prestado consultorias. Decidiu permanecer aqui por algum tempo e contribuir com sua bagagem internacional em projetos no Brasil. ■

*Email* para contato: [marcioscj@gmail.com](mailto:marcioscj@gmail.com)

\* O nome foi alterado para preservar a fonte.